

Agosto de 1967, noroeste distrital do Niassa – MVL da CCS/BArt1885, de Vila Cabral para Macaloge.

Formada uma coluna-auto, composta por duas Berliet e três Unimog.

Como escolta, o Pelotão de Reconhecimento da CCS, comandado pelo alferes miliciano Castanha.

Destino, Vila Cabral.

Missão, reabastecer Macaloge e Pauila com mantimentos vários: em Pauila, nem farinha para fazer pão havia.

Viagem tranquila até Vila Cabral, chegámos ao aquartelamento a horas de poder almoçar.

Na parte da tarde, foi carregar os carros com os géneros de que havia necessidade e guardar os carros no quartel, para depois ir com alguns camaradas jantar a um restaurante próximo do aquartelamento; e a seguir dormir, pois iríamos sair de madrugada, com destino a Macaloge.

Na madrugada seguinte, lá arrancou a coluna com o sol a nascer sobre a cidade.

Primeira paragem em Cantina Dias, para cumprimentar os nossos camaradas da CArt1540.

Paragem breve. De seguida coluna em andamento, em direcção ao Unango.



Está uma manhã fresca, estamos na época do cacimbo, cada um com os seus pensamentos. Eu, estou a pensar que dentro de alguns minutos vamos passar no local onde há um ano havia sofrido a primeira emboscada, ainda éramos checas com três semanas de zona 100%. Mas agora, já “velhotes” na zona, os *frelos* não se iriam atrever: havia na escolta dois morteiros 60, uma bazuca e umas 60 G3; mas um ano antes, tinha sido cá um susto que nunca mais esqueci.

Ainda é cedo, pelas minhas contas ainda vamos almoçar a Macaloge, quando de repente... Bummm! Um enorme estrondo, uma nuvem de terra no ar, gritos, ordens, segurança activada. Não houve emboscada, ufa... Bem, mas eu estou no primeiro carro. Como foi possível a mina ir rebentar no quinto carro? Afinal, tinha sido o condutor do Unimog que se tinha desviado ligeiramente do trilho e accionado uma mina a/p. Não houve feridos. Mas para tirar a jante e poder montar o pneu suplente, foi uma luta de quase duas horas: a jante havia ficado toda torcida, o pneu voado para longe e não havia as ferramentas adequadas; mas lá conseguimos.

A coluna novamente em movimento, tenho de rever o meu horário: almoçar em Macaloge está fora de questão, talvez no Unango.

Junto às *mamas da brigitte*, seguimos em baixa velocidade, inferior a 20Km/h, tensos, todos concentrados na mata à volta da picada, outros com atenção ao chão tentando descobrir vestígios de terra remexida, em vão...

Uns três quilómetros percorridos e... Bummm! Uma mina, no rodado da frente direita da Berliet onde eu seguia: o carro primeiro sobe no ar, ao mesmo tempo do estrondo, depois desce abruptamente; o pneu voa para longe todo rasgado, a jante cai, fica enterrada no chão, repentinamente guina para o lado direito e fica imóvel.

Gritos, ordens, segurança montada: um cheiro intenso a explosivos, não houve emboscada, não há feridos. Mas esta mina a/p tinha sido reforçada com mais algumas granadas, os estragos foram maiores que a anterior: a jante além de retorcida ficou rasgada, não vai ser fácil retirá-la, passadas cerca de três horas lá conseguimos montar o pneu suplente na Berliet; e ficamos prontos para retomar a viagem.

Entretanto, o alferes Castanha havia decidido que não se iria fazer picagem da picada, por as minas serem a/p e seria condenar à morte quem fosse à frente das viaturas a fazer picagem.

Retomamos o andamento, devagar, cada vez mais tensos e alerta. Felizmente ainda não tinha havido emboscada.

Com tudo isto, a hora do almoço já tinha passado há muito mas ninguém se lembrava de comer, não havia fome só nervos. E lá íamos, lentamente avançando em direcção ao Unango, tudo atento.

Mas... não houve atenção que evitasse outra mina... Bummm! Novamente na roda da frente do lado direito da Berliet.

Um cheiro intenso a explosivos, novamente gritos, ordens, segurança montada. Não há feridos: esta mina não estava reforçada. Repetir tudo novamente e montar o pneu suplente da outra Berliet: mais umas três horas de trabalho.



eu, o condutor Campos e o mecânico...
(zangado por ter de montar mais uma roda)

Mais uma vez retomamos o andamento, desta vez com uma preocupação acrescida: não temos mais pneus suplentes para Berliet; se houver mais uma mina rebentada por uma Berliet, não poderemos prosseguir.

Mau... mau... Devem faltar duas horas para ser noite, penso que não haverão mais minas. Já accionamos três, o mais certo é não haver mais nenhuma. Temos de conseguir chegar ao Unango, ao longe já se vêem as *mamas da brigitte*, vai tudo correr bem, penso eu.

E novamente a coluna em andamento, devagar, todos atentos, determinados a chegar ao pé dos nossos camaradas colocados no Unango e ficarmos na segurança do aquartelamento. Mas não era isso que iria acontecer: um enorme estrondo na roda da frente esquerda da Berliet... Bummm!

Uma enorme quantidade de terra no ar a cair em cima de nós, cheiro intenso a explosivos, gritos, ordens, segurança montada, uns quantos improperios dirigidos aos *frelós*.

E pronto, hoje não andamos mais. os carros são posicionados em círculo, é montada segurança a toda a coluna e estabelecida ligação via-rádio com Macaloge. Fica decidido que no dia seguinte virão em nosso socorro, com pneus para Berliet, pois fazer aquele caminho de noite é emboscada certa.

Entretanto, assistimos a uma discussão estranha entre o alferes Castanha e nosso alferes Capelão, que exigia ser evacuado de heli: nem reparava que o sol se estava a pôr e o heli naquelas condições não viria; além disso ninguém estava ferido. Portanto, era organizar tudo para termos a melhor segurança possível; e assim foi feito.

Agora, é que começava a sentir fome e sede. Não tínhamos sido abonados com ração-de-combate, era suposto chegar a horas de almoço a Macaloge. Eu e o condutor Campos, lá conseguimos achar na mala das Berliet algumas conservas que sobraram de outras ocasiões e três carcaças muito rijas: deu para enganar a fome.

Foi então que comecei a analisar o local onde nos encontrávamos e não fiquei nada tranquilo: em volta, eram só serras. Se os *frelos* nos atacassem, estavam em posição privilegiada.

Bom, não havia nada a fazer, era impossível mudarmos de local; e lá ficamos.

Por volta da meia-noite, agarro na G3 e vou para de baixo da Berliet, para ver se conseguia descansar um pouco: estava estourado, cheirava mal; camuflado, cabelos, mãos, tudo cheirava a explosivos. Mas não consigo fechar os olhos, levanto-me e fico sentado no banco da cabine da Berliet, agarrado à minha G3; e lá consegui descansar um pouco.

De madrugada, ainda o sol não tinha nascido, fiz uma fogueira para nos aquecermos e torrar o pão para o pequeno-almoço que, com umas barras de marmelada e uma bisnaga de café com leite, deu para recuperar energias. Nem tínhamos água para beber.



eu, o alferes Castanha e o condutor Campos, a torrar pão duro

Agora, é só esperar pelos nossos camaradas, que deverão estar a chegar com os pneus para a Berliet.

O tempo vai passando e eles nunca mais chegam. Eu estava com vontade de chegar a Macaloge, ir direito aos bidões de água e com a mangueira tomar um duche, para tirar este cheiro que estava colado à minha pele.

De repente, uma explosão ao longe. Afinal, havia mais uma mina que nos estava destinada.

Quando eles finalmente chegaram, ficámos a saber que tinha sido uma mina a/p accionada pela roda traseira de um Unimog e ferido um cipaio, que ficou com a mão quase decepada.

Depois de colocado o pneu na Berliet, seguimos caminho para Macaloge. O dia de hoje, iria de certeza ser melhor que o anterior. O caminho até Macaloge tinha acabado de ser percorrido pelos nossos camaradas e os *frelos* não teriam tempo para montar mais minas. E emboscadas também não: nesta altura, estávamos uns 100 homens; eles não se atreveriam.

Fomos andando a boa velocidade, a picada não estava muito estragada e lá apareceu a ponte sobre o rio Lumbisa.

Ahhh... agora sim, estava quase em casa, era só atravessar a ponte: já o tinha feito tantas vezes, os nossos camaradas de Macaloge estão do lado de lá do rio.

A Berliet em cima da ponte, o rodado da frente já está fora da ponte: de repente, a ponte começa a fazer uns ruídos esquisitos e... Catrapum!

Ponte partida, o carro começa a deslizar para o fundo do rio. Saltam todos do carro e este pára com a traseira encostada ao pilar da ponte.



A Berliet vinha muito carregada, por isso a ponte partiu.

O alferes Castanha solta um impropério e eu outro, mas penso que já não falta acontecer mais nada. Portanto, vamos lá a descarregar a Berliet, enquanto o resto da coluna vai fazer a travessia do rio a vau, para a outra Berliet com a lança puxar esta para terra firme; e finalmente eu ter o meu duche e poder jantar, tenho fome, sede, cheiro mal e muito sono.

Mas amanhã é outro dia. Teremos de ir abastecer os nossos camaradas em Pauíla, pois estão com muita falta de mantimentos.

Um outro dia, eu falarei dessa ida a Pauíla.

Por hoje, vou juntar umas fotos p/b, tiradas por mim com uma *kodak instamatic*, durante a viagem que acabei de descrever e confirmam o que acabei de descrever; algumas foram escolhidas, para uma exposição em Nampula.

(João Manuel Possidónio)